

E, em breve, um carro acolhedor incorporava-se-lhe à propriedade.

— Agora, é imperioso conquistar bons rendimentos — pediu ao Céu, em comovente rogativa.

E bons rendimentos rodearam-lhe o nome.

— Quero mais rendas — insistiu a lamuriar-se.

E mais rendas vieram.

Nessa altura, os filhos já estavam crescidos e Castro implorou vantagens materiais para eles e as vantagens solicitadas apareceram. Em seguida, notando que os rapazes lhe aflijiam o pensamento, suplicou a chegada de noras dignas para o ambiente familiar. E as noras chegaram.

Belino, porém, continuou rogando, rogando, rogando...

Certa feita, quando reclamava favores para os netos, chegou a morte e disse-lhe:

— Meu amigo, o seu tempo esgotou-se.

O interpelado, sob forte susto, clamou de si para consigo:

— Meu Deus! meu Deus!... e a minha tarefa? Não posso deixar a Terra sem cumpri-la... Ainda não pude sequer visitar um doente!...

A recém-chegada, contudo, deu-lhe apenas alguns instantes para a bênção da oração.

Castro, ansioso, tomou o Testamento do Cristo, e, de mãos trêmulas, abriu-o precipitadamente. De olhos esgazeados, esbarrou com estas palavras constantes no versículo vinte, no capítulo doze das anotações de Lucas:

— «... esta noite, exigirão tua alma e o que ajunaste para quem será?»

Mas, antes que Belino pudesse entregar-se a novas e desesperadas petições, a morte apagou-lhe temporariamente a luz do cérebro e o reconduziu à Vida Espiritual.

O grupo reajustado

Instalara-se o grupo de aprendizes do Evangelho, rogando trabalho. Alfredo Saraiva, o farmacêutico do bairro, foi aclamado dirigente. Olímpio Caramuru e Otávio Mafra, dois comerciários prestigiosos, prometiam cooperar. Dona Ofélia e Adão Cunha, velho casal da esquina, suspiravam pelas sessões. Dona Amanda e Dona Gertrudes ofereciam serviços mediúnicos. Dona Generosa, viúva desde muito tempo, alegava a necessidade de oração. João Pires, o dono da casa, não cabia em si de contente.

Nove pessoas ao todo.

Depois da prece inaugural, manifesta-se Irmã Clara, através das faculdades de Dona Amanda. Afirma-se confortada, feliz. A formação do conjunto repercutira no Além. Instrutores amigos haviam registado os votos da pequena comunidade. Os companheiros haviam pedido trabalho e o trabalho não faltaria. Em nome de vários mentores espirituais, ali se achava igualmente interessada em servir. O grupo bem afinado funcionaria como valiosa instrumentação para o socorro celeste. Ninguém receasse. Bastariam a boa vontade, a fé, o amor. Esperava, assim, a harmonização de todos num só objetivo: o objetivo de espalhar o bem. Em torno deles, surgiam a ignorância e a miséria, gerando o sofrimento. Poderiam fazer muito. Distribuiriam consolação, esclarecimento, esperança.

As reuniões começaram animadamente. Depois da

prece, a leitura evangelizante. Textos preciosos, aconselhando esforço e diligência no bem.

Entretanto, o pessoal parecia não ouvir. Tão logo se incorporava Irmã Clara, principiavam as queixas e petições. Dona Gertrudes pedia assistência para o marido, gozador do mundo, que estimava na descrença e no sarcasmo a sua razão de ser. Saraiva pedia passes contra o reumatismo. Caramuru insistia por alguma proteção ao estabelecimento em que se mantinha empregado. Iniciada outra reunião, Dona Ofélia queria um remédio para a renitente dor de cabeça. Cunha solicitava ajuda para a sua loja de armarinho. Precisava de fregueses. Os tempos andavam bicutos. E os impostos subiam, constringentes. Dona Generosa perseverava implorando uma comunicação direta com o filho desencarnado.

Irmã Clara, espírito afável e benevolente, amparava a todos como podia. Valorosa e otimista, voltava ao intercâmbio, de semana a semana; todavia, o ambiente era o mesmo. Mafra lembrava a necessidade de receber uma indicação eficaz para a perna direita. Desde que fora abalroado por um automóvel, vivia capengando. Pires rogava passes para dois tios que se achavam em deslento. Quando a mensageira ocupava o aparelho mediúnico de Dona Gertrudes, Dona Amanda reclamava:

— Eu também sou filha de Deus.

E descontava as noites em que não podia incomodar a benfeitora. Pedia recursos contra a sua antiga doença do estômago, deprecava proteção para dois netos endiabrados na escola, rogava concurso para a filha, obrigada a suportar um esposo rixento e infiel.

Irmã Clara recorria à lei das provas. Asseverava o impositivo da luta, indispensável ao aperfeiçoamento. Reportava-se ao próprio Cristo que não pudera furtar-se à cruz. Os circunstantes comoviam-se. Dona Ofélia e Dona Gertrudes enxugavam lágrimas de emoção.

Reconstituída porém a assembleia, continuava o pe-

titório. Caramuru dizia-se fatigado! Não se aguentava sobre as pernas. Dona Amanda lamentava-se da gastrite. Mafra declarava-se cada vez mais coxo.

Quando o grupo completou o décimo aniversário de existência, a orientadora espiritual notificou que tentaria começar a obra de caridade do círculo. Reuniria os pensamentos dos amigos numa só vibração de otimismo e confiança, a favor de velha irmã enferma. Deviam estar habilitados à prestação do auxílio. Que todos orassem e se fortalecessem, mentalmente, cooperando.

Chegada a noite do serviço, Clara compareceu, esperançosa. Pela primeira vez, a protetora pediu. Rogou a todos a necessária concentração espiritual de energias, a benefício da doente. Ela, Clara, seria a portadora das forças curativas para a pobrezinha. Quando, porém, se preparava para a tarefa, eis que Dona Ofélia solicitou um passe para a dor de cabeça. Dona Generosa reclamou a mensagem que aguardava. Saraiva perguntou se poderia usar o iodo em doses mais altas. Dona Amanda asseverou que o genro se fizera insuportável, implorando, por isso, algum trabalho de desobsessão.

Antes da prece final, o dirigente indagou:

— O benefício à nossa enferma ausente foi realizado, Irmã?

Clara, gentil, explicou que não. Não conseguira. O grupo estava cheio de necessidades e dores. Alguma peça, ali, funcionava mal. Traria, por essa razão, um inspetor.

Realmente, na sessão seguinte, o inspetor apareceu. O Irmão Cláudio incorporou-se em Dona Gertrudes e falou, firme:

— Meus amigos, o Espiritismo é Doutrina de progresso. Durante dez anos consecutivos, vocês foram auxiliados para aprenderem a auxiliar.

— Sim, sim... — comentou Saraiva, desapontado.
— Irmã Clara está conosco.

— Reconheço — ajuntou o visitante, sem agressividade —, reconheço que nossa amiga é um raro exemplar de carinho e paciência; entretanto, segundo me parece, a Lei que extinguiu o cativeiro no Brasil é de 13 de Maio de 1888. Clara é nossa irmã. Não é escrava. Esqueçamo-nos um pouco. Arejemos a cabeça para que o coração consiga trabalhar. Quem realmente pratica o dom da caridade, encontra caridade para si.

O silêncio pesou por minutos.

— Que mais nos aconselha, amigo?

— Tudo está dito — esclareceu Cláudio, sem afetação.

— Que Deus esteja conosco! — falou Saraiva, solene.

O instrutor fixou um gesto de despedida e rematou:

— Que Deus permanece conosco não há dúvida. E' preciso saber, porém, se estamos, de nossa parte, com Deus.

Cláudio retirou-se e Irmã Clara voltou a entender-se com os amigos. Mas, naquela noite, o quadro surgia outro. Dona Generosa silenciou sobre a vinda do filho. Mafra resignou-se com o defeito físico. Dona Amanda não se referiu à úlcera gástrica. Saraiva conformou-se com o reumatismo. Caramuru nada pediu para a casa em que trabalhava. Cunha esqueceu a loja. Dona Ofélia aliviara a cabeça. Pires, calado, parecia enfim satisfeito com a sorte dos familiares.

Terminada a reunião, o diretor perguntou com humildade à mentora da casa se tudo estava bem.

Irmã Clara, paciente, informou:

— Creio que o nosso inspetor resolveu o problema. Graças a Deus!

E todos os companheiros, preocupados, repetiram a uma voz:

— Graças a Deus!

No reino doméstico

Você, meu amigo, pergunta que papel desempenhará o Espiritismo, na ciência das relações sociais, e, muito simplesmente, responderei que, aliado ao Cristo, o nosso movimento renovador é a chave da paz, entre as criaturas.

Já terá refletido, porventura, na importância da compreensão generalizada, com respeito à justiça que nos rege a vida, e à fraternidade que nos cabe construir na Terra?

A sociologia não é a realização de gabinete. E' obra viva que interessa o cerne do homem, de modo a plasmar-lhe o clima de progresso substancial.

Reporta-se você ao amargo problema dos casamentos infelizes, como se o matrimônio fosse o único enigma na peregrinação humana, mas se esquece de que a alma encarnada é surpreendida, a cada passo, por escuros labirintos na vida de associação.

Habitualmente, renascem juntos, sob os elos da consanguinidade, aqueles que ainda não acertaram as rodas do entendimento, no carro da evolução, a fim de trabalharem com o abençoado buril da dificuldade sobre as arestas que lhes impedem a harmonia. Jungidos à máquina das convenções respeitáveis, no instituto familiar, caminham, lado a lado, sob os aguilhões da responsabilidade e da tradição, sorvendo o remédio amargo da convivência compulsória para sanarem velhas feridas imanifestas.